

Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades

PROFA. DRA. MARIA CAROLINA BOVÉRIO GALZERANI

Diretora do Centro de Memória-Unicamp
boverio@unicamp.br

A temática “Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades” foi abordada em reflexões de diversificada origem disciplinar no VII Seminário Nacional do CMU, realizado na Unicamp em fevereiro de 2012.

Este número especial da *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura*, reúne textos debatidos neste Seminário, selecionados pelos coordenadores dos treze Grupos de Trabalho, que compuseram este fórum nacional. Dois destes GT, foram desdobrados pela grande procura obtida, da parte dos participantes.

Para sua organização, tivemos como critérios básicos atender aos seguintes objetivos: o primeiro remeteu-nos à necessidade de enfrentamento das operações de memória/esquecimento, sobretudo nas sociedades contemporâneas. Importou-nos problematizar o engendramento, historicamente datado, da valorização cultural da memória, principalmente nas últimas décadas, não só nas práticas acadêmicas, mas também nas políticas públicas e nas atuações culturais, em geral. Neste sentido, perguntamos, até que ponto a valorização das memórias tem corroborado para movimentos sócio-culturais inovadores (produtoras de rupturas do *status quo*) e/ou para o fortalecimento da sociedade de mercado, produtora de imagens mercantilizadas, hierarquizadas culturalmente, ou, mesmo, de simulacros?

Para tal debate, voltamo-nos para a reflexão em relação ao micro-cosmo da cidade – lugar complexo, multicefacetado, polimorfo, polifônico, da sociedade moderna/pós-moderna. Mônada concebida como a cristalização das tensões (Walter Benjamin), onde se inscrevem práticas sócio-culturais, plurais, contraditórias, dentre as quais chamamos a atenção para as educativas, aqui concebidas em sentido amplo.

O segundo objetivo, de cunho teórico mais específico e sinalizador de formas de entendimento ainda hoje muitas vezes ousadas, diz respeito à focalização de imagem das pessoas envolvidas nestas investigações, como historicamente mais ativa e, ao mesmo tempo, mais inteira. Referimo-nos à possibilidade de focar os pesquisadores e pesquisados como sujeitos históricos portadores de racionalidade, bem como de desejos, emoções, sentimentos, percepções, intuições, numa palavra, de sensibilidades.

A proposição de tal temática e de tais possíveis enfoques supôs, portanto, a consideração de abordagens diversas, indo da história à educação, às ciências sociais, às artes, ao urbanismo, à psicanálise, à informática, dentre outras áreas do conhecimento.

Ao todo são 16 capítulos, oriundos de trabalhos de pesquisa, situados em diferentes níveis acadêmicos – (mes-

trandos, doutorandos, pós-doutorandos, portadores de títulos de mestrado, doutorado, livre docência) – e em diferentes instituições brasileiras, universitárias ou não, focalizando a temática ora proposta em dimensões plurais. Podemos arriscar que tais textos aproximam-se da temática proposta a partir de, pelo menos, dois enfoques principais: o que o reconhece em várias experiências de pesquisa historicamente situadas, outro que investiga suas matrizes conceituais.

Mas o que, de fato, os conecta, num desenho instigante, é a indagação fundamental relativa às relações entre memória, cidade e educação das sensibilidades. Esta rica e provocadora pluralidade de perspectivas é reveladora da complexidade do tema, e, ao mesmo tempo, da fecundidade das suas possibilidades analíticas – seja na escolha das fontes ou dos referenciais teórico-metodológicos.

Assim, na abertura da obra, iniciando pelo GT 1, voltado à temática da “Memória e Arquivos” e coordenado por Ana Maria Camargo (FFLCH-USP) -, Adriana Carvalho Koyama, em seu artigo, intitulado “Ensino de história em arquivos *on-line*: narrativas em rede e seus tecidos”, reflete sobre como os arquivos têm proposto experiências educativas *on-line*, enfatizando algumas questões fundamentais para a educação patrimonial e para o ensino de história. Como horizonte, destaca, a autora, que buscou possibilidades de criação de projetos de educação com o uso de documentos de arquivo, capazes de se abrir para as múltiplas dimensões da experiência histórica, em contraposição à monumentalização dos documentos, perceptível em muitos projetos educativos *on-line*.

Na seqüência, Anderson Ricardo Trevisan, participante do GT 2 - “Memória, Arte e História Entre Viajantes”, coordenado por Valéria Alves Esteves Lima (CH, Universidade Metodista de Piracicaba) - em seu artigo, “Arte, memória e sociedade: Jean-Baptiste Debret e sua (re)

descoberta na primeira metade do século XX brasileiro”, discute aspectos considerados significativos da redescoberta deste pintor francês no Brasil, na primeira metade do século XX, como um dos mais conhecidos artistas viajantes do século XIX no país. Aponta o autor, que após uma estada de quinze anos no Brasil, de 1816 a 1831, Debret retornou à França e publicou o livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, com centenas de imagens sobre o país. Contudo, segundo o articulista, foi pouco lembrado entre os brasileiros durante o restante do século XIX, algo que começou a mudar no século seguinte.

Já no artigo intitulado “Os estilhaços do tempo: Memória, História e Imagem em *La jetée* de Chris Marker” (1962), produzido por Tainah Negreiros Oliveira de Souza - participante do GT 3, “Memória e Cinema”, coordenado por Marcius Freire (IA-Unicamp) e por Denise Tavares (UFF)-, dedica-se a analisar a relação entre memória, história e imagem no filme *La jetée* do cineasta, fotógrafo, escritor e artista multimídia francês, Chris Marker. Nesta elaboração, a autora focaliza, sobretudo a concepção estética desta produção, bem como a questão da *mise en scène*, problematizando de que forma tais temas constituem a obra e como ela informa e é informada pelo debate contemporâneo acerca destas questões.

No texto “Formar professores de matemática no Estado do Maranhão, Brasil: aspectos historiográficos”, elaborado por Déa Nunes Fernández e por Antônio Vicente Marafioti Garnica, participantes do GT 4, -“Memória, História Oral e Trajetórias Biográficas”, coordenado por Maria Elena Bernardes (CMU-Unicamp) e Ana Carolina de Moura Delfim Maciel (Pós-doc Museu Paulista) -, entra em cena a produção relativa à formação de professores de Matemática em cursos superiores do estado do Maranhão, num período que tem como marco inicial a implantação, na década de 1960, da pri-

meira Licenciatura Plena em Matemática. Seguindo os parâmetros da História Oral, os autores dialogam com professores de três instituições públicas de ensino superior do estado, os quais rememoraram suas práticas docentes, quando da implantação e/ou da elaboração dos projetos dos primeiros cursos de Licenciatura Plena em Matemática, bem como com alunos da primeira turma neles graduada.

Como integrante, também, do mesmo GT 4, Áurea Maria Guimarães, em seu artigo intitulado “Vidas de jovens militantes”, produz instigante reflexão como fruto de uma pesquisa realizada no período de 2007 a 2010, junto a jovens militantes da cidade de Campinas. O objetivo básico desta produção foi compreender as diferentes maneiras que conduziram esses jovens tanto a reproduzir um modelo de vida quanto a criar outras possibilidades de militância, na relação com os seus heróis ou modelos de referência.

Ainda no âmbito das preocupações com a questão da formação de professores, no GT 5 – “Memória e Formação de Professores”, coordenado por Ana Maria Falcão de Aragão (FE-Unicamp) e Guilherme Toledo Prado (FE-Unicamp) – num artigo elaborado por muitas mãos, Adriana Stella Pierini, Cláudia Roberta Ferreira, Heloísa Helena Dias Martins Proença, Márcia Alexandra Leardine, Maria Natalina Oliveira Farias e Patrícia Regina Infanger Campos, em “Formação de professores na escola básica: desafios cotidianos na atuação da professora-coordenadora” compõem uma narrativa com o objetivo de rememorar suas atuações como professoras-coordenadoras na escola básica, apresentando os princípios básicos que norteiam seus saberes e fazeres. Pontuam, também, que o trabalho ora produzido é fruto da experiência de um grupo de professoras que atua nas redes pública e privada de ensino e que se reúne para dialogar e refletir sobre seu próprio trabalho.

Já no GT 6, “Memória e Fotogra-

fia”, coordenado por Iara Lis Schiavinatto (IA-Unicamp) e Amarildo Carnicel (PUC-Campinas e CMU-Unicamp), Anateresa Fabris, em seu artigo, “Foto-memórias de tempos difíceis”, traz, também uma instigante contribuição reflexiva, analisando produções da revista Fortune, que em 1936 encomendou a James Agee uma reportagem sobre a pobreza rural no Sul dos Estados Unidos. Afirma, a autora, que a delonga do escritor e as dúvidas da revista sobre o projeto determinaram o cancelamento da publicação. Revela, também, que o projeto foi publicado sob a forma de livro em 1941 – “Elogiemos os Homens Ilustres” –, com um bloco de trinta e uma fotos de Evans destituídas de legendas, antecedendo o texto lírico de Agee. E como este enfatizou, “fotos e texto eram coiguais, mutuamente independentes e plenamente colaborativos”.

Na seqüência, em “Memória, identidade e resistência: o desenvolvimento econômico como ameaça”, os autores Cristiano das Neves Bodart e Cassiane da C. Ramos Marchiori, participantes do GT 7 – “Memória e Políticas Públicas”, coordenado por Pedro Paulo Funari (IFCH-Unicamp) –, discutem, por meio de um estudo de caso, o papel das identidades, fundamentado nas memórias como luta de resistência à desapropriação de terras. Dentre outras contribuições, destacam que, frente à liquidez, característica da pós-modernidade, o resgate da identidade coletiva, via práticas de memória, pode ser uma arma de resistência, principalmente tratando-se de grupos étnicos com respaldo constitucional específico, como os índios.

Por sua vez, Maira Eveline Schmitz, no GT8 “Memória e Cidade” –, coordenado por Maria Tereza Paes (IG-Unicamp) e Maria Alice Rosa Ribeiro (Pq. Colaboradora – CMU-Unicamp) –, em seu texto, “Estação Ferroviária de Pelotas: espaço de sociabilidade, visualidade e memória urbana”, enfoca o espaço ferroviário da cidade de Pelotas, no sul do Rio Grande

do Sul, ao final do século XIX, significativo momento de mudança na materialidade urbana. O objetivo do trabalho é inferir as novas sociabilidades e práticas sociais construídas no espaço ferroviário, compreender as interpretações e sentidos dados ao local, bem como perceber como os sentidos dados, naquele momento, ao espaço ferroviário dialogam na atualidade com sua situação material e patrimonial. Para tanto, prioriza, como fontes, fotografias e jornais, a partir de metodologias apropriadas.

Ainda, como integrante do mesmo GT 8, Carlos André Silva Moura, em seu trabalho, “Os antigos cafés do Recife: a sociabilidade na capital pernambucana” (1920-1937), enfatiza o quanto as biografias, os diários e os depoimentos, são fontes que têm contribuído para produção de conhecimentos históricos, potencializando especificidades difíceis de serem localizadas em outras documentações. É a partir de tal abordagem que analisa alguns cafés e bares do Recife como espaços de sociabilidade nas primeiras décadas do século XX, observando os debates sobre o cotidiano, suas avaliações políticas e culturais, a divulgação de notícias, as festas e as transformações do espaço citadino.

No GT 9, “Memória e Educação das Sensibilidades”, coordenado por Maria Silvia Duarte Hadler (ECC) e Fátima Faleiros Lopes (ECC), Arnaldo Pinto Junior, em seu artigo “Modernização urbana e educação das sensibilidades na cidade de Vitória (1890-1912)”, dialoga com projetos urbanísticos e discursos defendidos pelos grupos dominantes locais, em Vitória, no período focalizado, evidenciando as batalhas de percepções ocorridas em um cenário marcado por processos de transformação do viver urbano. Compreende estes processos como avanços da modernidade capitalista no Espírito Santo, problematizando perspectivas socioculturais que hierarquizaram saberes, memórias plurais.

Como parte do mesmo GT 9, Rita

Márcia Magalhães Furtado, em “O coletivo do eu: memória e educação das sensibilidades na experiência estética com a arte pública”, considera que a arte presente nos espaços públicos da cidade é uma das possibilidades de interlocução do cidadão com o coletivo, com o subjetivos e/ou com o singular e que se apresenta como uma das formas de atribuir sentido, evocar potencialidades da memória e estabelecer diálogos. Neste sentido, brinda-se com uma instigante reflexão sobre as relações existentes entre os conceitos de experiência estética, educação das sensibilidades e arte pública, mediada pelo conceito de memória. Para tal recorre à fenomenologia, como modo de analisar a intersecção entre tais conceitos.

No que se refere aos trabalhos desenvolvidos no GT 10 - “Memória e Patrimônio Entre a Ciência e Técnica”, Pedro Murilo Gonçalves de Freitas, em seu artigo, “Memória e Levantamento em Projetos de Conservação e Restauração: a Produção do Registro Arquitetônico”, coordenado por Marcos Tognon (IFCH-Unicamp) e Regina Andrade Tirelo (FEC-Unicamp)-, apresenta estudo de caso conduzido no levantamento da capela Panagia Vlaherna, em Zakynthos, Grécia, durante workshop internacional multidisciplinar de conservação arquitetônica. Dentre as suas contribuições, destaca que a restauração contemporânea tem afirmado o reconhecimento da matéria dos edifícios como preceito fundamental. Contudo, afirma, ainda, do ponto de vista operativo, que esta tarefa é atividade complexa, ligada aos referenciais do intérprete. Compara, também, diferentes técnicas de levantamento e representação disponíveis para discutir demandas e a aplicabilidade destes instrumentos a profissionais interessados na preservação dos edifícios.

No que respeita ao GT 11, “Redes Sociais, Memórias e Conhecimentos”, coordenado por José Armando Valente (IA-Unicamp), Ana Lúcia Migowski da Sil-

va, em “Onde você estava em 11/09/2001? Traços da memória coletiva na Web” propõe uma instigante reflexão a respeito do modo como a memória coletiva vem sendo construída a partir da comunicação mediada por computador. A análise toma como pontos de partida produtos midiáticos criados para a rememoração dos atentados ao World Trade Center, em Nova Iorque, que completaram uma década em 2011. Dentre as suas conclusões, demonstra que esse evento adquiriu grande repercussão em todo mundo, gerando mobilizações sociais em diversos âmbitos. Revela, também, como as possibilidades de interação, dos meios digitais de comunicação, potencializam o compartilhamento de experiências de indivíduos direta ou indiretamente marcados pelo evento em questão. Além disso, identifica movimentos emergentes e coletivamente organizados em sites de redes sociais, os quais, também, objetivam a recuperação de testemunhos daqueles que viveram de algum modo o acontecimento.

No artigo seguinte, intitulado “Bento Quirino e Cotuca: os passos do ensino profissional em Campinas”, Lúcia Pedrosa da Cruz, participante do GT 12 - “Instituições Escolares na Cidade: Memórias”, coordenado por Ana Lúcia Guedes-Pinto (FE/Unicamp) e Dirce Djanira Pacheco e Zan (FE/Unicamp) - apresenta uma (re)construção histórica de duas instituições de Ensino Profissional do município de Campinas, São Paulo. Afirma que ambas ocuparam, em tempos diferentes, um edifício especialmente construído para o funcionamento de uma escola de formação profissional, no início do século XX. O Instituto Profissional Bento Quirino ali funcionou de 1915 a 1965. O Colégio Técnico da Unicamp (Cotuca) iniciou suas atividades em 1967, teve sua instalação oficializada em 1970 e ainda permanece no local. Portanto, o estudo delimita um recorte temporal de 1915 a 1970.

Fechando com chave de ouro a publicação, José Ricardo Oriá Fernandes e Júnia Sales Pereira, em “Desafios teórico-metodológicos da relação educação e patrimônio” - integrantes do GT 13, “Memória e Educação Patrimonial”, coordenado por Maria de Fátima Guimarães Bueno (USF-PPG em Educação) e Elison Antônio Pain (Unochapecó) - abordam concepções renovadas a respeito da Educação e Patrimônio, levando em conta as transformações culturais contemporâneas e o adensamento das concepções de patrimônio, advindas da consideração da imaterialidade da cultura. Para tal, analisam o caráter intersubjetivo, multidirecional, relacional e processual dos processos educativos com enunciação de revisões conceituais e metodológicas impactantes em projetos que vislumbram a educação das sensibilidades, em meio a lutas pela preservação e junto a embates dos diferentes sujeitos/grupos históricos, contra a destruição, o esquecimento e o silenciamento da memória.

No processo da realização desta publicação, bem como na organização do Seminário que deu origem à mesma, há agradecimentos a serem realizados. De início, aos parceiros do CMU, sem os quais tais realizações não teriam sido possíveis: Maria Elena Bernardes, diretora-associada do CMU e co-organizadora desta edição, Amarildo Carnicel, jornalista, Marli Marcondes, membro atuante no Arquivo Fotográfico, dentre outros. A seguir, aos convidados que se dispuseram a coordenar os Grupos de Trabalho (GTs), enriquecendo o debate com a qualidade de suas tessituras analíticas. Ainda, aos pesquisadores participantes, produtores ou não dos textos ora selecionados, os quais acolheram e ressignificaram os objetivos do evento e muito contribuíram para o sucesso desta realização.

Convido a todos (as), pois, para embarcarem nas “viagens” reflexivas propostas por este número temático da *Resgate*,

Revista Interdisciplinar de Cultura. Chamo a atenção para a acepção ora produzida, relativa ao termo “Resgate” – termo este que desde a criação da Revista em 1990, constitui o título desta publicação do CMU. A (re)leitura desta terminologia, ora colocada em ação, problematiza os seus possíveis efeitos cognitivos positivistas, ou seja, nega a pretensão de retomada na íntegra, via leitura ou produção de conhecimentos, das experiências passadas, bem como questiona a elaboração de possíveis imagens de verdades absolutas. Trata-se, portanto, de

acepção de leitura da palavra “Resgate”, produzida na esteira das relações entre a dimensão subjetiva e objetiva. Ou, ainda, trata-se da possibilidade de diálogo entre o sujeito e o objeto no ato de produção dos conhecimentos (E. P. Thompson, 1986).

Desejamos que esta “viagem” possa se configurar como experiência de leitura aberta, onde o “casamento” entre o Logos e o Eros seja possível e onde haja espaço para a criatividade, a inovação de quem lê, no enfrentamento destas instigantes questões na contemporaneidade.